

“PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”: UMA ANÁLISE SOBRE LUTO INFANTIL, PARENTALIDADE E RELAÇÃO TERAPÊUTICA

“Pra não dizer que não falei das flores”¹: an analysis of childhood grief, parenthood and therapeutic relationship

LAURA SPRINZ²

RESUMO: O presente artigo visa realizar uma compreensão de temáticas relativas ao luto infantil, nuances da parentalidade e experiência de relação terapêutica a partir dos sentimentos despertados na autora pela história de uma criança. Para tal, utiliza-se como recurso simbólico a música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, associada a compreensões de autores do referencial psicanalítico, com o objetivo de trilhar um entendimento possível do caso.

PALAVRAS-CHAVE: Luto infantil. Parentalidade. Relação terapêutica.

ABSTRACT: This article seeks to explore topics related to childhood grieving, nuances of parenthood, and the experience of a therapeutic relationship, drawing from the emotions evoked in the author by the story of a child. To accomplish this, the symbolic backdrop of Geraldo Vandré’s “Pra não dizer que não falei das flores” is utilized, along with perspectives from psychoanalytical authors, with the aim of navigating towards a conceivable comprehension of the case.

KEYWORDS: Childhood grief. Parenthood. Therapeutic relationship.

“Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão”

“Pra não dizer que não falei das flores”, Geraldo Vandré

O plantio da semente

Era uma fria manhã quando meu olhar encontrou o da mãe de S.³ pela primeira vez. Eu já havia conjecturado diversas possibilidades para o que eu

¹ Song title. Could be translated as “So as not to say I didn’t speak about the flowers”.

² Psicóloga formada pela PUCRS e aluna do segundo ano do curso do CEAPIA

³ Dados alterados para a preservação do sigilo.

encontraria naquele dia, mas nada poderia me preparar para o que de fato encontrei quando a vi: uma imensidão de vazio. Aquela era uma história triste, eu já sabia. Mas aqueles olhos não traduziam lamento, apreensão, raiva ou medo. Eles não diziam nada. E, justamente por isso, diziam tanto. A mãe me conta a história da filha como quem descreve um antigo relato que ouviu sobre um conhecido. Ela estava diante de mim, mas estava distante. Onde estava a filha dentro dela? Onde estava a mãe? Escrevo de maneira propositalmente dúbia: buscava entender quem era a filha para ela e, ao mesmo tempo, quem era ela mesma como filha. Quem era ela como mãe e qual era a referência que ela tinha da própria mãe. Essas questões foram aos poucos tomando conta de mim, enquanto a escutava.

É nesse contexto que conheço a história de S., uma criança pré-latente que havia perdido seu pai de forma trágica e repentina. Os pais já estavam separados na época. Apesar da intensidade desse fato, a principal preocupação trazida pela mãe foi o fato de S. estar fazendo muita “birra” e não conseguindo aceitar um “não”. Neste momento, peço para que ela me dê um exemplo.

P: *Esses dias, aconteceu uma coisa. A gente tem três florzinhas em casa e ela sempre me pede pra regar. Aí eu reguei. Quando ela viu, começou a chorar e disse “essa aqui não era pra regar, eu já tinha regado, tu matou minha florzinha! E eu disse, “filha, desculpa, eu não sabia, mas se a florzinha morrer a gente planta outra”.*

Nesse momento, de maneira quase imediata, a música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, começou a ecoar dentro de mim. Ali fora plantada a semente deste trabalho e, penso eu, mais do que isso, do meu trabalho com S.. Dou muito valor para aquilo que vem “do nada”. O nada costuma ter muito a nos contar. A relação direta entre as flores de S. e as da música se fez clara desde o princípio: parecia haver algo de muito importante a ser comunicado ali. S. precisava poder falar das flores. Mas por que me ocorreu justamente uma música considerada como um hino de resistência ao período da ditadura militar? A resposta para essa questão floresceria ao longo dos meus encontros com S.. Entretanto, já naquele momento, nas entrelinhas do relato da mãe, tive a sensação de que também pude ouvir o grito desesperado de S., tão abafado quanto estridente, buscando ser escutado. Talvez também fosse o grito dessa mãe. Há sempre algo implorando para ser enxergado nas nuances de um relato.

Szejer (2002) aponta para o fato de que a pré-história da criança tem seu início ainda antes da ideia de ter um filho: suas raízes se encontram na história individual de cada um dos seus pais e do cuidado parental que estes tiveram. A mãe de S. tinha como objetivo constituir uma família perfeita, mas pensa que tudo deu errado. Fico pensando no peso dessas palavras. No meio desse “tudo errado”, há uma filha que pede ajuda. Seria possível, para essa mãe, olhar para S. fora do ideal que tanto buscava? Há espaço para o sofrimento de S.?

Quando o pai de S. faleceu, sua reação imediata deixou a mãe muito assustada: *“então quer dizer que agora eu vou poder ficar contigo o tempo todo?”*, perguntou S.. Penso que, para além do fato de que a morte não é um conceito

completamente compreensível por uma criança de tal idade, talvez S. também tenha mostrado nesse momento o papel que cumpre desde o início da vida: buscar pela mãe, escancarar o quanto precisa da presença e do cuidado dela e tentar fazê-la acreditar que pode fazer um bom trabalho. Talvez a mãe tenha se assustado justamente com isso.

“Pra não dizer que não falei das flores” é uma música que conta de uma luta difícil e da possibilidade de se vislumbrar esperança em meio ao caos. Penso que S. também, aos poucos, conta-me da sua própria luta para dar conta do seu luto, para ser escutada e para encontrar a sua própria maneira de florescer, que parece ter ficado impossibilitada diante das intensidades com que fora confrontada desde tão tenra idade. Esses elementos foram aos poucos também florescendo dentro de mim, à medida que escutava a música que ecoava de S.. É sobre essa história que busco escrever. A possibilidade de acreditar nas flores e oferecer a atenção adequada para que elas possam vencer o canhão.

Encontros e reencontros: a arte de se ent(regar)

Após ter acesso a essa história e ser confrontada com grande intensidade de sensações, refleti sobre como seria o meu primeiro encontro com S.. Pensei que seria difícil. Que encontrá-la também seria um encontro com a dor implacável e dilacerante que devia estar vivenciando. Entretanto, o que se sobressaiu nesse primeiro momento foi que S. me encantou quando me encontrou. É uma criança muito viva, curiosa, interessada e interessante. É inteligente, brinca de maneira lúdica e simbólica, pede pela minha atenção e meu olhar.

De cara, busca pela família terapêutica e, em especial, pelo bebê. Eu poderia ser qualquer outro personagem, mas o bebê sempre era responsabilidade de S.. Ele vagava pela casa e, de repente...caía. De novo e de novo. S. parecia buscar pela minha reação às quedas do bebê. “*Ele não se machuca quando cai?*”, pergunto. “*Não. Ele cresce*”. S. me explica que, a cada vez que o bebê cai, ele fica maior. Como se as quedas o fortalecessem. Ou, então, fico pensando, como se ele *precisasse* se fortalecer para enfrentar a próxima queda. As quedas do bebê se tornaram rotineiras nos nossos encontros.

S. me contava das próprias quedas, e da dor de não perceber ninguém olhando quando se cai, mais dura do que a da queda em si. Alguém viu quando S. caiu? Alguém pôde segurá-la? Winnicott (1945/2000) destaca que o bebê não existe sozinho, sendo absolutamente dependente dos cuidadores e do ambiente inicial. Nos primeiros tempos de vida, quando o ego ainda não está integrado e há uma indiscriminação com o ambiente, necessita de cuidados específicos para que aos poucos possa dar conta da tarefa de integração e o mundo possa lhe ser apresentado. Nesse sentido, introduz o conceito de *holding*, segundo o qual o cuidador auxilia o bebê a integrar a noção de si, sendo *segurado* e, assim, sentindo-se em segurança. Em uma sessão posterior, depois de mais uma queda do bebê, S. me conta de uma queda real que sofrera, ao pular de uma grande altura, e explica:

P: *É que eu tava lá em cima e eu olhei pro lado e pensei “não tem ninguém me olhando, então eu vou pular”.*

S. me denunciava a falta que faz um olhar e a segurança de que alguém poderá nos segurar. E o que o desespero por ser visto é capaz de provocar. Como o bebê da sua brincadeira que cresce ao cair, S. parecia acreditar que precisaria buscar sozinha pela sustentação que necessitava, sem se importar com o preço que seria cobrado. Cair machuca, mas não tanto quanto não poder encontrar alguém para nos segurar, ou, ao menos, para dizer que ficará tudo bem. Também me contava da confiança que estava depositando em mim naquele momento: como eu encararia esse bebê que tanto cai? Poderia ser eu a pessoa que, através do meu olhar, a seguraria? S. parecia precisar que alguém pudesse *fazer a hora*.⁴

Winnicott (1963), ao discorrer sobre os riscos da dependência, destaca o quão perigoso pode ser para um paciente assumir-se dependente quando não é mais um bebê. Atribui ao perigo da desintegração e do colapso iminente um medo diante da intensidade da angústia primitiva – de sofrer uma *queda sem fim*, uma aniquilação. Como foi o período em que S. foi absolutamente dependente dos seus pais? De que quedas anteriores me contava essa criança por meio do bebê que tanto cai? Que quedas futuras ela parecia poder prever e que a assustavam? Entre tantas dúvidas, um aspecto foi aos poucos se tornando claro: o bebê caía em demasia e precisava seguir caindo e gritando até que alguém lhe oferecesse o colo adequado. S., aos poucos, ensinava-me sobre o cuidado que as flores necessitam. É preciso regá-las, indubitavelmente, mas isso precisa ser feito na medida certa. Nem demais e nem de menos. Uma medida exata, calculada a cada encontro e recalculada ao final. Para isso, elas precisam de um olhar atento, capaz de discernir se já é momento de regar novamente. Esse era o olhar que S. precisava sobre seu luto.

Winnicott (1957) pontua que os pais possuem a exigente tarefa de proporcionar aos filhos uma travessia segura da infância, destacando também que, quando bebê, mesmo enquanto nada se sabia sobre dependência, havia dependência absoluta. Segundo o autor, se o papel da mãe não for efetivamente reconhecido, o que restará é o medo da dependência. S., inteligente e perspicaz, compreende que as plantas da sua casa *dependem* do cuidado dela e da mãe para existirem e florescerem. Isso pode ser assustador. Como fica, para essa criança, a ideia de que, agora, sem o pai presente, talvez ela esteja em uma situação de dependência da mãe? É possível confiar? Dependere não é fácil: quando bebê, em um estado primitivo de não integração, não há discernimento suficiente para compreender a magnitude do que significa depender; entretanto, agora, S. parece ter uma compreensão suficientemente boa. A dependência pode levar suas flores a florescerem ou, então, a morrerem. A água pode significar tanto a salvação quanto um perigo em potencial, seja por sua falta ou por seu excesso. Poderia S. confiar que a mãe a regaria na medida certa? Poderia essa mãe manter S. viva e florescendo dentro dela?

⁴ “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (Vandré, 1979).

O que perde a criança quando perde alguém?

Freud (1917/1996), em seu célebre trabalho “Luto e melancolia”, propõe o luto como um processo psíquico de elaboração que ocorre em reação à perda de uma pessoa amada. Segundo o autor, quando confrontado pela realidade com o fato de que o objeto amado não mais existe, o sujeito, ao respeitá-la, precisa aos poucos retirar a libido das relações anteriormente mantidas com o objeto. Entretanto, mesmo quando há um substituto possível no horizonte, nunca se abandona facilmente uma posição libidinal anteriormente ocupada. Assim, as exigências da realidade não podem ser atendidas de imediato. É preciso que o processo por meio do qual isso acontece seja realizado pouco a pouco, com enormes custos em termos de energia e tempo, enquanto, simultaneamente, a existência do objeto perdido segue sendo sustentada psiquicamente para que, somente mais tarde, a libido possa ser redistribuída. Nesse sentido, pode-se pensar que o luto, como processo, também nos convida a refletir sobre o olhar diferenciado que o tempo psíquico nos exige para tentarmos compreendê-lo, além do aspecto subjetivo que torna essa experiência tão singular, com o colorido especial de cada pessoa que a atravessa.

Diante da especificidade característica do luto infantil, faz-se necessário realizar algumas observações. No que diz respeito à capacidade da criança de possuir uma representação da morte, Lewis & Wolkmar (1990, citado por Grossi, 1994) destacam a perspectiva de que, durante os anos iniciais, não há outro conceito para a morte além do desaparecimento. Entretanto, quando confrontada com um trauma como a morte de um dos pais, é possível que a criança desenvolva uma compreensão precoce da morte. O que parece ser necessário delinear é que, mesmo que não de maneira tão elaborada quanto um adulto, a criança que perde alguém também passa por um momento de extrema instabilidade emocional em que busca elaborar essa perda. Ainda que não compreenda o conceito de morte com toda a complexidade que o envolve, a criança sabe que perdeu alguém, que foi separada de um objeto amado, e sente os efeitos dessa desordenação dentro dela. Grossi (1994) ainda aponta para a importância do ambiente no que se refere ao luto infantil, tendo em vista que a criança pode ser auxiliada ou atrapalhada por essa configuração ao longo do processo.

Nessa história, a mãe, por suas questões individuais constituintes, parecia precisar que a tragédia do falecimento do ex-companheiro não a arrastasse para baixo. A maneira que encontrou para obter essa saída foi negar a intensidade violenta que tal fato certamente é capaz de despertar. Não apenas no que diz respeito à sua própria reação, mas, também, às suas expectativas quanto à reação da filha e a manifestação do luto dela. O intenso incômodo da mãe manifestava-se frente aos aspectos que poderiam retirá-la do seu estado ilusório de afastamento emocional: as birras, os choros e a dificuldade de aceitar um “não” por parte da filha. Parece-me que S. protestava, pedindo por um espaço para falar daquilo que não era bonito. Daquilo que doía. Daquilo que ela não queria, e nem poderia, negar ou esquecer.

De um lado, parecia haver algo que se assemelha a uma tentativa de instauração de uma *censura ditatorial* do luto; do outro, a resistência contra esse movimento. No recorte inicial deste trabalho, a flor foi regada em excesso e S. percebe que isso poderia acarretar a sua morte. A mãe diz que, caso isso ocorra, não há problema, pois poderiam comprar outra. Ao que me parece, há uma série de motivos para que essa resposta não tenha sido suficiente para aplacar o sofrimento da criança. S. precisava *daquela* florzinha. Do que ela significava. Do representante daquilo que ela já não mais poderia acessar diretamente. Ou, ao menos, S. precisava poder contar com um colo para chorar pela falta que a florzinha-pai faria. E precisava confiar que, na condição de dependência da mãe, ela poderia regá-la na medida certa, permitindo também que suas lágrimas fossem aos poucos delimitando a sua história.

Nesse ponto, cabe destacar, a partir de Grossi (1994), que poder reconhecer e falar sobre a morte com a criança não corresponde a criar ou aumentar a dor, como muitos adultos parecem temer. A dor já existe, inegavelmente. O que se cria, a partir da escuta, é a possibilidade de aliviar a criança e ajudá-la a elaborar a perda. Assim, quando o adulto busca se afastar excessivamente das questões mais difíceis, acaba deixando-as na responsabilidade da criança, incapaz de construir um sentido para isso sozinha. Parece-me indispensável salientar que, mesmo permeada pelas próprias dificuldades, a mãe pôde trazer a filha para tratamento. Em alguma instância, o grito de S. ecoou na mãe, da maneira como ela pôde manifestar e da maneira como a mãe pôde escutar. Talvez S. soubesse exatamente como gritar para que a mãe a escutasse.

Ao longo dos encontros, S. aos poucos parecia descobrir que aquele era um espaço em que poderíamos falar das flores. Mas não foi assim desde o princípio. S. me ensinou que, às vezes, *esperar é saber*.⁵ Assim, fomos construindo juntas esse espaço. Da mesma maneira que regar as flores deve respeitar certos limites, falar de assuntos difíceis também deve ter como pressuposto uma escuta sensível que possibilite que a flor não seja molhada de modo excessivo ou seque abruptamente.

Apesar de manifestar por meio do brincar várias questões relativas ao seu mundo interno, S. costumava falar abordar assuntos relativos ao pai de maneira mais direta no final da sessão, enquanto guardávamos os materiais na caixa. Parece-me que, naquele momento, S. também me comunicava que precisava guardar esses sentimentos de maneira quase imediata após mencioná-los, porque pareciam perigosos demais para ficarem circulando por muito tempo. Penso também que S. buscava se certificar de que estávamos construindo raízes fortes. De que eu estaria ali por um bom tempo e que poderia guardar suas intensidades comigo até o momento certo. E assim foi. Ao longo do nosso trabalho, fui me guiando pelas pistas que S. me dava, e buscando criar, junto a ela, um ambiente acolhedor e atento. Desenvolvemos uma espécie de dança conjunta, em que, quando S. me confiava alguma informação, eu buscava compreender até onde eu poderia chegar na nossa coreografia, passo a passo.

⁵ “Vem, vamos embora, que esperar não é saber” (Vandré, 1979).

Em um momento mais avançado dos nossos encontros, S. me conta de um momento especial que viveu com o pai, e que havia ficado registrado em vídeo. Ela me contava de um pai que conseguiu acessá-la emocionalmente quando bebê e que segue podendo acessar, por meio desses vídeos, o bebê que há dentro dela, implorando por colo. S. gosta de assistir a esses vídeos da mesma maneira que gostava de se ver na presença do pai. Talvez esses vídeos lhe proporcionassem um caminho de acesso ao pai: através deles, ela poderia evocar o pai em qualquer lugar. Ou, ao menos, poderia acessar aquilo que o pai evocava nela. Para além de contar sobre o que perdeu com a morte do pai, S. mostrava o que dele, com muito esforço, desejava poder manter vivo.

O movimento da água e o florescer

Em um dado momento, tive acesso a informação de que S. teria feito um comentário relacionando a água à vida das plantas e dos animais. Nessa linha, teria decidido parar de tomar água. Aquela informação me deixou muito preocupada. S. não chegou a deixar de ingerir água em nenhum momento, mas a sua linha de raciocínio me chamou a atenção. Havia algo de mortífero circulando nos seus pensamentos. Talvez, àquela altura e identificada com o pai, pensasse que essa seria a única maneira de encontrá-lo. Confrontada com aquilo que não mais poderia salvar e com o desespero parental, é possível que o que havia restado para S. naquele momento, como única alternativa, tenha sido o pensamento de aniquilação.

A água tem essa maneira poética de, assim como a vida, fluir. Movimentar-se. E foi essa mesma mobilidade que se apresentou ao longo do nosso trabalho. Em dois encontros diferentes, a mesma situação se repetiu: S. interrompeu a brincadeira por estar com muita sede. Da primeira vez, quando fomos buscar água, S. tomou um susto. “*A mamãe fugiu*”, disse ela. Tentei tranquilizá-la e explicar que sua mãe voltaria em seguida. Mas muito me interessava essa percepção: a mãe não estava lá, logo, ela fugiu. Não sumiu ou desapareceu. Fugiu. Seria S. demais para que a mãe pudesse suportar? Naquele momento, S. bebeu a água de maneira voraz e, depois, retornamos ao nosso brincar. Na segunda ocasião, S. encontra a mãe, sorri e pula no seu colo. A água já não parecia ter a mesma importância: S. tinha sede de mãe. Essa cena ficou comigo. Escancara-se ali, diante dos meus olhos, a beleza da esperança. S. parecia ter passado a acreditar no potencial da mãe como sua fonte primária de vida.

Em uma sessão posterior, S. traz uma boneca, que levava o nome da mãe, e uma descoberta:

P: Sabia que, se a gente der amor e carinho, as bonecas crescem até ficarem do tamanho dos adultos? Ela pode ficar até do teu tamanho!

Bem diferente do bebê apresentado no início, que caía e crescia, ou, então, crescia para poder sobreviver à próxima queda, dessa vez, S., do seu jeito encantador, conta-me sobre uma nova compreensão daquilo que nos possi-

bilita crescer: amor e carinho. Ela parecia agora saber que isso era o que ela precisava. E, de alguma maneira, também sabia que essa era uma carência da mãe. Talvez ela sonhasse com o dia em que a sua boneca-mãe ficaria grande o suficiente para abarcar todo o seu medo e suas dores – dela própria e da filha. Talvez S. pensasse que também precisaria fazer isso pela mãe, dando-lhe o amor e o carinho que as duas tanto precisavam.

Winnicott (1967) pontua que, ao longo do desenvolvimento emocional, o precursor do espelho é o rosto da mãe, através do qual o bebê pode vir a se enxergar. Dessa maneira, segundo o autor, nesse estágio, o bebê, quando olha para a mãe, vê a si mesmo – e a aparência do rosto da mãe revela o que ela própria enxerga quando olha para o seu bebê. Nessa troca constitutiva, o que parece se revelar é o fato de que, para que possamos ver, é preciso que tenhamos sido vistos. Nas palavras do autor, “Quando olho, sou visto. Portanto, existo. Agora me permito olhar e ver” (p. 182). S. parecia me contar sobre o quanto se via no espelho da fragilidade da mãe, e sobre o quanto gostaria que a mãe pudesse vê-la por inteiro. O ato de tomar a boneca-mãe como seu objeto de cuidado me fez olhar para uma criança que contava, por meio da ludicidade, sobre a sensação de que precisava oferecer para a mãe o mesmo amor e carinho de que precisava. Talvez, assim, a mãe poderia nutrir a filha com o mesmo. Ajuriaguerra, citado por Anzieu (1989), postula a criança como criadora de mãe. S. cria a mãe ou a mãe cria S.? Parece-me que, juntas, elas realizam a cocriação de uma experiência de relação mãe-filha, com seus percalços e suas vitórias. Fato é que, nesse momento, S. passava a vislumbrar a possibilidade de florescer através do cuidado.

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Esse é um trabalho que não pode ter um fim em si mesmo. Muitas das perguntas que propus ao longo desta escrita não possuem, ainda, uma resposta clara. Talvez nunca terão. E essa é, justamente, a beleza do nosso trabalho. Não há como se contentar com respostas claras, objetivas e exatas. Há um navegar que se faz a dois (talvez três, quatro, cinco?), em busca do desconhecido. Há um caminhar delimitado por linhas tortas, atravessadas e, muitas vezes, confusas. E poderia ser de qualquer outra maneira? Ao se dobrar uma esquina ainda não mapeada, vislumbra-se um mundo novo. É assim também com o trabalho psicanalítico. Permitir-se ir fundo naquilo que precede as certezas. O que não pode deixar de existir, indubitavelmente, é a possibilidade de se colocar a pensar. O que seria do mundo, afinal, se estivéssemos completamente certos de quem somos, de onde viemos e para onde vamos? O que seria dos curiosos e indagadores se já tivéssemos todas as respostas?

Ogden (2021), ao refletir sobre o espaço analítico, pensa-o como um estado intersubjetivo entre paciente e terapeuta, no qual, a partir das experiências

compartilhadas, é possível gerar significados e brincar com eles. Com S., vou caminhando nesse espaço. Juntas, vamos plantando e regando nosso trabalho. O importante, afinal, é que possamos falar das flores. Independentemente do caminho pelo qual elas nos levem.

A música “Pra não dizer que não falei das flores”, que ecoou dentro de mim antes mesmo de conhecer S., foi tomando seu ritmo próprio ao longo dos nossos encontros. Aos poucos, também fui podendo integrá-la com a música que surgia de S., para que pudéssemos cantar a nossa própria canção, produzida a partir do nosso encontro. O desejo que fica é o de que possamos seguir florescendo juntas. Mesmo quando o poder do canhão parecer devastador, que possamos confiar na força das flores, *aprendendo e ensinando uma nova lição*.⁶

Referências

- Anzieu, D. (1989). Psicogênese do Eu-Pele. In D. Anzieu, *O Eu-Pele* (pp.79-93). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 15, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Grossi, A. P. S. (1994). Uma escada para o céu. *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência*, 7, 118-124.
- Ogden, T. (2021). O espaço onírico e o espaço analítico. In T. Ogden, *A matriz da mente: relações objetais e o diálogo psicanalítico* (pp. 237-250). São Paulo: Blucher.
- Szejer, M. (2002). Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. In: L. Corrêa Filho, M. E. G. Corrêa, & P. S. França (Org.), *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê* (pp. 299-323). Brasília: L.G.E. Editora.
- Vandré, G. (1979). Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando). [Música]. Youtube. Recuperado em 3 nov. 2023, de <https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>
- Winnicott, D. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. (2021). A contribuição da mãe para a sociedade. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 145-150). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1957)
- Winnicott, D. (2022). Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. In D. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp. 296-311). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. (2022). A teoria do relacionamento pais-bebê. In D. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp. 44-69), Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1960)

⁶ “Caminhando e cantando e seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando uma nova lição” (Vandré. 1979).